



**Ação política por
imagens: resenha
de Screen Shots de
Rebecca L. Stein**
*Political action through
images: review of Screen
Shots by Rebecca L. Stein*



Vitória Paschoal Baldin¹

¹ Mestranda em Ciências da Comunicação (ECA-USP) e bacharel em História da Arte (UNIFESP). Atualmente, sob orientação da Profa. Dra. Daniela Osvald Ramos, pesquisa ativismo transnacional palestino através de imagens. E-mail: vitoria.pbaldin@gmail.com

Resumo: Resultado de anos de pesquisa sobre as relações entre a imagem técnica e a ação política, *Screen Shots*, de Rebecca L. Stein, reflete sobre as promessas da câmera como ferramenta de ativismo tensionadas a partir dos desafios enfrentados contemporaneamente. Com a disseminação global de smartphones, as câmeras se proliferaram como ferramentas políticas entre diversos atores nos Territórios Palestinos, como ativistas palestinos, soldados israelenses, colonos e defensores dos direitos humanos. A autora aborda como esses sujeitos depositaram profunda esperança nessas tecnologias como ferramenta para atingir suas respectivas agendas políticas. Stein investiga tais sonhos e a desilusão subsequente.

Palavras-chave: imagem técnica; câmera; smartphone; conflito palestino-israelense.

Abstract: Result of years of research on the relations between the technical image and political action, *Screen Shots* by Rebecca L. Stein reflects on the promises of the camera as an activism tool, tensioned by contemporary challenges. With the global spread of smartphones, cameras have proliferated as political tools among diverse actors in the Palestinian Territories, such as Palestinian activists, Israeli soldiers, settlers, and human rights activists. The author addresses how these subjects placed deep hopes in these technologies as a tool to achieve their respective political agendas. Stein investigates such dreams and the subsequent disillusionment.

Keywords: technical image; camera; smartphone; Palestinian-Israeli conflict.

Em *Screen Shots*, lançado pela Stanford University Press em 2021, Rebecca L. Stein elabora, a partir do panorama palestino-israelense, como os processos contemporâneos de produção e circulação digital de imagens frustraram as análises tecno-utópicas prevalentes no início do século XXI (SONTAG, 2012; ANDÉN-PAPADOPOULOS, 2013; 2014, para citar alguns). Por meio do método etnográfico, a autora demonstra como os sonhos moldados por tais promessas libertadoras ignoram a complexidade das relações de poder políticas, culturais e simbólicas que atravessam a produção e a circulação das imagens técnicas na contemporaneidade. Partindo da centralidade do panorama do conflito palestino-israelense, Stein explora como ativistas e defensores dos direitos humanos falharam ao depositar todas as suas esperanças nas potencialidades do registro em fotografia e vídeo para lutar contra as violências da ocupação israelense. A obra demonstra como a utilização de câmeras digitais foi mobilizada por organizações de direitos humanos, soldados, militares, colonos e civis palestinos de modo a mediar as disputas políticas relativas à ocupação. Em especial, a autora traça as estratégias utilizadas para interceptar as iniciativas antiocupação, possibilitando um controle quase total das Forças de Defesa de Israel no ambiente midiático.

Rebecca L. Stein é antropóloga cultural e professora. Seus trabalhos focam nas ligações entre cultura e política em Israel no contexto da ocupação militar israelense, bem como em seus efeitos na vida cotidiana dos palestinos. A autora, atualmente, tem publicados mais de cinco livros sobre o tema, apresentando-se como uma das principais referências para pensar as relações entre cultura, imagem e mídia em perspectiva palestino-israelense. Sua obra mais proeminente, *Digital Militarism: Israel's Occupation in the Social Media Age* (2015), publicada em coautoria com Adi Kuntsman, estudou o militarismo israelense (re)enquadrado pelas novas tecnologias de comunicação e informação, em especial, as novas plataformas digitais. *Screen Shots* é um importante complemento e atualização dessa obra, pensando as implicações sociopolíticas do militarismo digital israelense, bem como os desafios associados ao ativismo digital centrado na produção e circulação de imagens.

O primeiro capítulo foca nas lembranças de dois soldados israelenses – Noam e Eitan – que serviram na Cisjordânia ao longo da Segunda Intifada Palestina². Ambos fotografaram ao longo dos eventos, com fins pessoais ou militares-profissionais, e,

² A Intifada (insurreição) foi um movimento de resistência não violento inspirado em Gandhi e Martin Luther King, assumindo que o emprego desses métodos ajudaria a neutralizar o poder destrutivo de Israel. Até o momento, houve duas Intifadas, a primeira durou de 1987 a 1993, e a segunda – também conhecida como intifada al-Aqsa – ocorreu de 2000 até 2005, com características substancialmente distintas da primeira (para uma visão geral, consultar Pappe, 2007).

posteriormente, se tornaram fundadores da ONG antiocupação *Breaking the Silence* (“Quebrando o Silêncio”). A organização foi fundada após esses combatentes israelenses presenciarem a brutalidade da guerra e os horrores da ocupação militar. As imagens produzidas ao longo dos confrontos foram coletadas ou revisadas, como ferramenta de denúncia. O capítulo apresenta e discute o papel da produção das imagens nesse cenário, em especial sua operacionalização pela ONG para fins de ativismo.

O segundo capítulo se debruça sobre a história de Musa Abu Hashhash, um expoente defensor dos direitos humanos em Hebron ao longo da Segunda Intifada Palestina. A centralidade de Abu Hashhash decorre de seu papel junto à organização israelense mais proeminente na documentação e denúncia dos direitos palestinos: a B’Tselem³. Antes da proliferação de câmeras fotográficas, o grupo já documentava visualmente tais violações. Apesar disso, o capítulo narra como as esperanças sobre essa forma de ativismo foram frustradas, em especial centradas no fracasso do impacto idealizado. Ainda que as imagens produzidas fossem circuladas em diversos canais de televisão e jornais, não se percebeu nenhum impacto significativo nos espectadores israelenses ou nos judeus de outros países.

Na sequência, a autora parte da execução de um palestino vendado por um soldado israelense para demonstrar como a produção de imagens pode ser uma ferramenta para provocar o debate público. Em 7 de julho de 2008, um manifestante palestino amarrado e vendado, Ashraf Abu-Rahma, foi baleado à queima-roupa por um soldado israelense na Cisjordânia, na aldeia de Ni’ilin. A partir da filmagem clandestina de Salaam Amira do protesto em Ni’ilin, o registro do manifestante palestino de Abu-Rahma, detido em um posto de controle, sentado amarrado e com os olhos vendados sob o sol quente, foi amplamente repercutido no período. As imagens tiveram grande impacto sobre o público israelense, gerando uma conversa nacional sobre a responsabilidade militar pelo tiroteio e a utilização de técnicas militares degradantes.

Apesar disso, as redes de desinformação passaram a operar de modo concomitante, argumentando que a filmagem era falsa e que foi manipulada digitalmente pelo cinegrafista palestino ou pelas organizações de direitos humanos, com a finalidade de difamar o Estado de Israel. Tais acusações se difundiram sociopoliticamente, chegando a se apresentar em tribunais e no parlamento israelense. Stein argumenta que é necessário pensar esse processo de desinformação como parte das reminiscências da lógica colonial, em que as acusações de fraude fazem parte das estratégias para reprimir

³ O site do grupo pode ser acessado em: <https://www.btselem.org>. Acesso em: 8 mar. 2023.

as vozes dos colonizados, permitindo a continuidade da violência. Essas acusações, para a autora, foram estratégias para desacreditar as vozes antiviolaência.

O capítulo seguinte parte novamente da centralidade da ONG B'Tselem e discute como a produção de imagens foi utilizada como material comprobatório em atos judiciais. Apesar disso, de modo semelhante, os resultados foram decepcionantes, uma vez que o descrédito impediu que testemunhas ou evidências contra soldados israelenses tivessem consequências legais. Contudo, a autora aponta que as imagens produzidas pela organização são um rico material para análises acadêmicas e jurídicas posteriores, e evidenciam não apenas a brutalidade das Forças Armadas de Israel, mas também as estratégias estatais de manutenção da ocupação e da violência resultante.

O quinto e último capítulo elabora os diferentes esforços empregados por Israel para contrabalançar a cobertura noticiosa negativa. Aprimorando as estratégias de mídia, os militares objetivavam ofuscar as denúncias feitas por ativistas, defensores dos direitos humanos e jornalistas internacionais. Tais estratégias focam não apenas na redução de imagens produzidas por palestinos e apoiadores, mas também no descrédito dessas comunicações. Além disso, a distribuição de câmeras entre as Forças de Defesa de Israel, pessoalizada – associada à criação de imagens pessoais e individualizadas das tropas – e desassociando sua atuação da violência resultante, também foi peça central para o cultivo de legitimidade.

Screen Shots é uma importante contribuição para pensar as promessas e os fracassos da utilização da imagem técnica em processos políticos de ativismo e contestação. A utilização da desinformação para combater as produções palestinas, associadas com a difusão de imagens estrategicamente planejadas para legitimar as Forças de Defesa de Israel, são elementos centrais para compreender as frustrações ligadas às promessas emancipatórias dessas tecnologias. A partir das estratégias empregadas pelo Estado de Israel, os palestinos foram removidos de sua condição como testemunhas ou vítimas. Suas mortes foram enquadradas como propaganda anti-Israel, o “Pallywood” (Stein, 2021, p. 77). O argumento de Stein está centrado em um impasse: a mesma tecnologia que possibilita novas formas de comunicação ativista também foi utilizada para ofuscar esse ativismo e legitimar a violência do Estado israelense. A autora detalha como a imagem técnica foi cooptada para estratégias militares israelenses, favorecendo a consolidação e a prolongação da ocupação.

Apesar disso, ao oferecer grande enfoque às iniciativas ligadas a organizações israelenses, sobretudo B'Tselem, outras perspectivas de análise são omitidas. Qual o impacto das imagens produzidas internamente, em empresas jornalísticas e órgãos de direito internacional? Além disso, qual é a perspectiva de organizações palestinas,

nos Territórios Ocupados e na diáspora? Como esses sujeitos se relacionam com tais produções? Em especial, a autora não oferece nenhuma possibilidade de tensionamento dessa realidade, isto é, não oferece formas de possibilitar a (re)negociação de tais relações de poder. É necessário, portanto, que pesquisas futuras construam novas abordagens a partir das problemáticas pontuadas por Stein nesse estudo.

A obra de Stein é uma importante contribuição para os estudos sobre os desafios e as potencialidades da imagem técnica enquanto ferramenta política. A partir do complexo cenário palestino-israelense, a autora aborda como a visão utópica sobre tais tecnologias por muitos anos ignorou as perspectivas geopolíticas e sociais de tensionamento e disputas de poder. Para além dos sonhos iniciais, a imagem técnica, atualmente circulada em ambiência digital, também é passível de ser utilizada para fins de dominação e legitimação de violências múltiplas. *Screen Shots* é uma rica leitura tanto para os interessados nas perspectivas políticas da imagem quanto para estudiosos que se propõem a pensar o Oriente Médio contemporâneo.

Referências bibliográficas

ANDÉN-PAPADOPOULOS, Kari; PANTTI, Mervi. “Re-imagining crisis reporting: Professional ideology of journalists and citizen eyewitness images”. *Journalism*, v. 14, n. 7, p. 960-977, 2013.

ANDÉN-PAPADOPOULOS, Kari. “Citizen camera-witnessing: Embodied political dissent in the age of ‘mediated mass self-communication’”. *New Media & Society*, v. 16, n. 5, p. 753-769, 2014.

KUNTSMAN, Adi; STEIN, Rebecca L. *Digital militarism: Israel’s occupation in the social media age*. Redwood City: Stanford University Press, 2020.

PAPPE, Ilan. *Historia de la Palestina moderna*. Madrid: Akal, 2007.

STEIN, Rebecca L. *Screen Shots: State Violence on Camera in Israel and Palestine*, Stanford University Press: Standford, 2021. 234 p.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

submetido em: 16/03/2022 / aprovado em: 23/08/2023